

RITUAIS DA MORTE DOS ARTISTAS RUPESTRES NEOLÍTICOS DO VALE DO TEJO (Portugal / Espanha)

Jorge de Oliveira
CIDEHUS – Universidade de Évora
PORTUGAL

OS ANTECEDENTES

Passados trinta e cinco anos sobre a descoberta e quase total e imediata submersão da arte rupestre do vale do Tejo pela albufeira da Barragem do Fratel e passados mais de vinte anos sobre o início dos estudos da arquitectura megalítica da foz do rio Sever importa relacionar as duas principais evidências arqueológicas do curso médio do maior rio da Península Ibérica, o Rio Tejo. A divisão política e administrativa entre Portugal e Espanha, na margem esquerda do Tejo, é consubstanciada pelo Rio Sever. Se para a margem portuguesa, desde o século XIX, e sobretudo com Georg e Vera Leisner, a partir de meados do século XX, as manifestações megalíticas passam a ser continuamente referenciadas, na margem espanhola do Sever apenas as estruturas funerárias de Valência de Alcântara começam a ser descritas por Medida nos inícios do século XX e devidamente estudadas na década de setenta por Primitiva Bueno, ficando a maior parte da margem direita do curso deste rio por prospectar. Assim, até à década de oitenta do século XX, apenas uma pequena parte das estruturas funerárias megalíticas do Rio Sever eram conhecidas e só superficialmente, pois raras tinham sido escavadas cientificamente. Na foz do mesmo rio, na margem esquerda, Georg e Vera Leisner, os anos 50, registaram perto de três dezenas de pequenos sepulcros megalíticos em xisto, entretanto quase totalmente destruídos, em meados da década de oitenta, pelas campanhas de florestação com plantas de eucalipto. Ficou, assim, a informação arqueológica da margem portuguesa profundamente afectada, o que nos obrigou a dirigir a nossa atenção para a margem espanhola. O estudo deste conjunto de monumentos, obtidos em xisto e de muito pequena dimensão, poderiam viabilizar a resposta a múltiplas questões relacionadas com os rituais da morte, com a economia, sociedade e sobretudo com a arte gravada das margens do Tejo, maioritariamente contemporânea dos construtores de megálitos. A monumentalidade da maioria dos sepulcros do Termo Municipal de Valência de Alcântara ofuscou, como aconteceu noutras locais, a arquitectura funerária de menores dimensões. Praticamente todos os investigadores concentraram a sua atenção nos monumentos de granito, bem destacados na paisagem e sobretudo concentraram-se na riqueza e diversidade dos conjuntos artefactuais que os grandes dólmenes, normalmente guardam no seu interior. Terão sido estas as principais razões para o grande desconhecimento de uma outra realidade megalítica, menos evidente na paisagem mas superior em número, localizada a meia dúzia de quilómetros para norte de Marvão e Valência de Alcântara. Se a arquitectura discreta dos monumentos de Montalvão, Cedillo e também de Herrera de Alcântara terá contribuído para que durante milénios tivessem passado despercebidos estranha-se, contudo, que a partir de meados da década de setenta, do século XX, altura em que se identificou, ainda que tardiamente, a importantíssima arte rupestre do Vale do Tejo e se reconheceu que esta seria, maioritariamente pós-glaciária, não tivessem os arqueólogos dos anos setenta tentado compreender os contextos em

que a arte gravada do Tejo se inscrevia, desenvolvendo prospecções nas cumeadas que ladeiam o grande rio. Agora que a arte do Vale do Tejo se encontra praticamente toda submersa pelas águas da barragem do Fratel e impossível de ser reexaminada, começa a tornar-se evidente que os seus gravadores se encontram tumulados nas centenas de túmulos megalíticos que em ambas as margens do Tejo ladeiam as manifestações artísticas. Reconheça-se, igualmente, que foi também necessário que o conhecimento arqueológico tivesse evoluído, quer no que se reporta à cronologia dos estilos artísticos, quer em relação à longa duração da utilização funcional dos dólmenes para que hoje, sem grande margem de erro, pudéssemos reconhecer a contemporaneidade das duas realidades: arte rupestre do Vale do Tejo e sepulcros megalíticos da foz do Sever. Importa também aqui destacar o que, desde há vários anos vimos afirmando, relativamente à base económica dos que se encontram sepultados nos pequenos túmulos de xisto das margens do Sever. Baseando-nos na qualidade dos solos, nas pequenas dimensões da arquitectura funerária, na pobreza dos conjuntos artefactuais, na sua especificidade e nas características dos poucos *habitats* até agora identificados, temos vindo a defender que as comunidades neolíticas que aqui viveram tinham uma economia assente, maioritariamente, na pastorícia e na caça. Esta forte probabilidade parece encontrar eco na temática recorrente da arte gravada nos xistos do Tejo, onde as cenas de caça / pastorícia são as predominantes. Parece reforçar esta ligação dos artistas do Tejo aos construtores dos sepulcros da foz do Sever a natural tendência que os pastores têm, nas longas horas em que pacientemente apascentam os seus rebanhos, retalharem peças de madeira, bordarem cajados, ou gravarem memórias de solidão nas rochas. Gestos que durante milénios se repetiram e que poderão estar na origem da arte do Vale do Tejo. Esta associação parece fazer ainda mais sentido quando, ao contrário do que ocorre uma vintena de quilómetros para montante do Tejo, em terras de Santiago e Alcântara, onde parece que a arte que deveria continuar pelas rochas do Tejo não existe e encontramos-la gravada, ainda que em número muito reduzido, nos esteios das antas, enquanto que na foz do Sever está, até agora, ausente dos sepulcros. Recorde-se, pois, que os solos de Santiago e Alcântara são já mais propícios à agricultura, o que se reflecte na maior dimensão dos sepulcros e na diversidade e riqueza dos seus conjuntos artefactuais. Nessa região a economia neolítica seria maioritariamente suportada na agricultura e a pastorícia teria uma expressão menor reflectindo-se no reduzido número de manifestações artísticas que se conhecem naquela região. Pelo o que acima fica dito parece ser grande a probabilidade de se encontrarem enterrados nos pequenos sepulcros megalíticos da foz do Rio Sever os artistas-pastores que gravaram a exuberante arte do Vale do Tejo.

OS ECOSISTEMAS, A ECONOMIA E OS DÓLMENES

A zona terminal do curso do Sever é marcada por fortes pendentes onde o tributário e o Tejo correm em vales encaixados. Outras linhas de água, maioritariamente hoje de curso sazonal, foram desenhando novos vales, menos profundos, por entre os solos xistosos, modelando esta paisagem. Assim, em ambas as margens do Sever, observa-se uma orografia moderadamente ondulada, definida por várias linhas de festo, predominantemente, paralelas ao Sever e perpendiculares ao Tejo. Foram os pontos mais notáveis destes festos, tanto principais como secundários, os locais eleitos pelas comunidades de pastores neolíticos para construírem os seus sepulcros. A restante paisagem, se exceptuarmos os pequeníssimos vales, apresenta

solos quase esqueléticos com uma rentabilidade agrícola quase nula. O coberto arbóreo é marcado por densas manchas de estevas polvilhadas por pequenas azinheiras e raros sobreiros. Embora reconhecamos que os solos de hoje não apresentam exactamente as mesmas características dos que os homens neolíticos pisaram, poucas variantes, contudo, terão sofrido. Hoje estes campos e depois de controlada a mancha de estevas por processos mecânicos permitem, exclusivamente, a pastorícia de cabras e ovelhas, base da economia das gentes da Foz do Sever. As colinas tumulares dos pequenos sepulcros megalíticos intencionalmente revestidas por blocos de quartzo leitoso como forma de as evidenciar no espaço seriam facilmente ofuscadas pelas manchas de estevas que naturalmente as envolveriam. A sua evidência na paisagem só seria possível se as estevas se mantivessem controladas, o que seguramente aconteceria, para permitir o apascentamento de rebanhos, base da economia das comunidades neolíticas desta região. A secura destes campos, onde as fontes são raras e onde as poucas que existem secam normalmente durante o Verão e Outono, obrigaria as gentes e rebanhos neolíticos a uma relação próxima e continuada tanto com o rio Sever como com o rio Tejo. Esta dependência dos dois rios parece evidenciar-se na maior concentração de sepulcros nos festos mais próximos dos dois rios comparativamente com a sua diminuição, à medida que nos afastamos das duas linhas de água de curso anual. Actualmente, a partir de finais de Maio as cotas mais altas dos campos de Cedillo começam a já não ter erva suficiente para garantir o sustento dos rebanhos procurando-se as margens dos rios onde a humidade permite a manutenção dos pastos. Terá sido durante os Verões, altura em que os cursos dos rios são mais reduzidos e que os rebanhos foram e são encaminhados para as suas margens e que os pastores pré-históricos das terras de Montalvão e Cedillo, nas longas horas de solidão foram, pacientemente, gravando nas lajes xistosas dos leitos do Tejo e Sever retratos dos seus sentimentos. Maioritariamente, foram as lajes horizontais, ou levemente inclinadas para o rio as preferidas para receberem as manifestações gráficas. Recorrendo preferencialmente à técnica da percussão directa, com recurso a pedra mais dura, eventualmente algum quartzo ou quartzito, recolhidos nas cascalheiras dos rios, os pastores neolíticos da foz do Sever gravaram nas lajes xistosas, maioritariamente, representações de animais, especialmente cervídeos, discos solares e figuras geométricas.

A ARQUITECTURA FUNERÁRIA

Se todos os sepulcros até agora escavados na foz do Sever vieram a revelar a presença dos três elementos estruturantes, câmara, corredor e mamoa, outros há, embora ainda não escavados que apontam para formas cistoides, fechadas, definindo um único e uniforme espaço de tumulação. Assim, dos sete monumentos que até agora estudámos em ambas as margens do Sever identificámos duas grandes variantes arquitectónicas. Na primeira variante os monumentos apresentam uma clara diferenciação entre câmara e corredor. A câmara define um polígono regular, tendencialmente a definir quase um círculo ao qual se adossa um corredor, substancialmente mais estreito do que o diâmetro da câmara. A maior ou menor regularidade da câmara parece resultar mais das dimensões dos esteios que a formam, especialmente da largura do esteio de cabeceira, do que de uma intenção previamente definida. Na segunda variante poderemos incluir todos os outros monumentos até agora escavados. Nestes a partir do esteio de cabeceira e de uma forma sempre regular o espaço interno vai-se estreitando, sendo difícil

definir onde começa o corredor. Se em planta a diferenciação da câmara em relação ao corredor não é perceptível, o mesmo se verifica no alçado. A partir do esteio de cabeceira a altura dos outros esteios vai diminuindo gradualmente até quase se esbater na topografia natural do terreno. Quanto à forma de cobertura do espaço interior várias dúvidas se colocam. Provavelmente, e com facilidade, todos os monumentos alongados poderiam ser cobertos com lajes de xisto justapostas. Como seriam, então, cobertas as câmaras mais amplas destes monumentos obtidos em xisto? Algumas hipóteses, para além da de uma laje de xisto que, entretanto, poderá ter sido reutilizada, poder-se-ão colocar. Hipoteticamente, as câmaras poderão ter sido cobertas não apenas com uma laje, como acontece nos monumentos de granito, mas por várias peças que apoiadas nos topos dos esteios conseguissem cobrir todo o espaço. Contudo, em escavação também nunca se encontrou no interior das câmaras qualquer testemunho que pudesse confirmar esta hipótese. Perante estes factos e reconhecendo-se que, com grande frequência, se detectam o que parecem ser entalhes, ou abatimentos, intencionais no topo dos esteios das câmaras funerárias, haverá que colocar a hipótese de que estas tivessem sido cobertas com matéria vegetal. Para a construção das mamoaas houve uma intenção clara de remover previamente as terras envolventes do espaço funerário e sobre a rocha iniciarem a colocação de blocos de xisto, de forma imbricada, unidos por argila fina e muito compactada. A remoção das terras originais configurava uma maior estabilidade a toda a colina artificial que havia de envolver, completamente, o espaço funerário. Pela abundância de blocos de quartzo leitoso disseminados em torno destes sepulcros e por, raramente, ocorrerem no interior da massa construtiva da colina tumular, leva-nos a considerar a hipótese de depois de construído o monumento todo ele ter sido revestido por uma carapaça de blocos de quartzo que o tornaria bem visível na paisagem. Para além da arquitectura base destes sepulcros foi possível detectar, e até agora apenas no grande monumento da Charca Grande de la Regañada, um complexo átrio que se abre em frente ao corredor. Como natural prolongamento dos esteios da entrada do monumento eles abrem-se contornando e delimitando a mamoa. Nesse espaço, ainda que muito destruído, foi possível reconhecer que diferentes episódios rituais aí devem ter ocorrido. No que se reporta a variantes construtivas dos monumentos da foz do Sever haverá que destacar o lajeado identificado no sepulcro da Joaninha. O piso deste túmulo megalítico encontra-se totalmente forrado com finas lajes de xisto, cuidadosamente recortadas de forma a revestir toda o interior do espaço funerário. No que se reporta à orientação dos corredores dos monumentos escavados e apenas a estes nos referimos aqui, porque apenas para estes temos certezas, verificamos que as variações oscilam entre os 95° e os 120°, distribuindo-se da seguinte forma: Joaninha- 95°, Charca Grande de la Regañada – 100°, Era dos Guardas – 115°, Cuatro Lindones – 115°, Padre Santo – 95°, Fonte da Pipa – 120° e Lomba da Barca – 115°.

AS DATAÇÕES

Até ao momento apenas o Dólmen da Joaninha, em Cedillo, forneceu as únicas amostras datadas provenientes de monumentos de xisto da foz do Sever. As duas amostras recolhidas no monumento da Joaninha submetidas a datação por radiocarbono, forneceram, respectivamente, as seguintes idades (anos BP): 3840+170 e 5400 ± 210. Estas amostras referem-se a carvões recolhidos em dois níveis distintos e estruturalmente separados. A primeira, Sac-1381: 3840 ± 170 anos BP, reporta-se a um conjunto de carvões identificados na base do monumento, na zona

de transição entre a câmara e o corredor, envoltos em terra muito compactada, sem sinais de violação e onde, igualmente, se recolheu a maioria dos artefactos. Estes carvões, associados a cinzas, encontravam-se incluídos em terras que assentavam directamente sobre o lajeado que forma o piso do espaço funerário. Sob este lajeado e entre a fina camada de terra que o separava da rocha de base recolheu-se outro conjunto de fragmentos de madeira carbonizada, associados a pequenas manchas de cinzas, que forneceram a segunda data, Sac - 1380: 5400 ± 210 anos BP. Embora estejamos em presença de apenas duas datações elas revestem-se da maior importância quer, por serem as únicas até agora disponíveis para os monumentos da foz do Sever e que, de alguma forma, não parecem resultar de actos de violação do sepulcro quer, por, de uma forma clara, encontrarem paralelos nas datas já disponíveis para monumentos de maiores dimensões, obtidos em granito e situados na área da bacia do Sever. A segunda amostra da anta da Joaninha (Sac - 1380: 5400 ± 210 anos BP), recolhida sob o lajeado da base do monumento, sem materiais arqueológicos associados, parece enquadrar-se no conjunto de datas, vulgarmente consideradas muito antigas, já disponíveis para os monumentos graníticos situados a poucos quilómetros para sul do Tejo. Pelas datas obtidas na anta da Joaninha, parece já confirmar-se a hipótese da contemporaneidade de utilização das duas expressões megalíticas situadas na bacia do Sever. Este paralelismo temporal parece, em face dos dados disponíveis, ter maior enquadramento nos monumentos de corredor curto, obtidos em granito, do que nos monumentos de corredor mais desenvolvido. A única amostra datada, até agora disponível, para esta região, relacionada com monumentos de corredor longo, foi obtida na anta IV dos Coureiros, no concelho de Castelo de Vide e forneceu a idade de 4240 ± 150 anos BP (ICEN-976). Parece confirmar-se, com a data mais antiga agora disponível para o monumento da Joaninha, associada à série que, de alguma forma começa a ser já significativa, para esta pequena bacia hidrográfica que, pelo menos nesta região, o início da construção destes sepulcros apontará para momentos atribuíveis ao Neolítico antigo, prolongando-se a sua utilização até aos alvares do Calcolítico. Observa-se, igualmente, que estes monumentos tiveram uma vida útil muito longa abrangendo as diversas fases da arte rupestre do Vale do Tejo.

AS OFERENDAS FÚNEBRES

Será, sobretudo, no universo de oferendas fúnebres identificado nos sepulcros que melhor se espelha o tipo de economia dos que aí se encontram tumulados. Entre a panóplia de artefactos identificados nos monumentos de grandes dimensões implantados em solos de melhor aptidão agrícola, as cerâmicas ocorrem em grande profusão. Trata-se de um produto indispensável às sociedades agrícolas e sedentárias e, de alguma forma, pouco compatível com comunidades em constante deambulação, como seria a dos que tiravam o seu sustento da pastorícia. Nestas, os artefactos de contenção são obtidos, por norma, de matérias de origem animal ou vegetal, que pela sua fácil deterioração não chegaram até nós. Nos monumentos da foz do Sever as cerâmicas, ou estão completamente ausentes ou, quando ocorrem, são em pequeno número. Assim, a quase ausência de cerâmicas neste tipo de monumentos, poderá ser mais um elemento que reforça a sua relação com comunidades predominantemente pastoris. Eventualmente, os tumulados seriam acompanhados por alguns artefactos de contenção que, em vida, fariam parte do seu mobiliário mas, por serem obtidos em materiais orgânicos, não chegaram até nós. Com facilidade poderemos aceitar que os recipientes em pele, madeira, ou corno fariam parte do

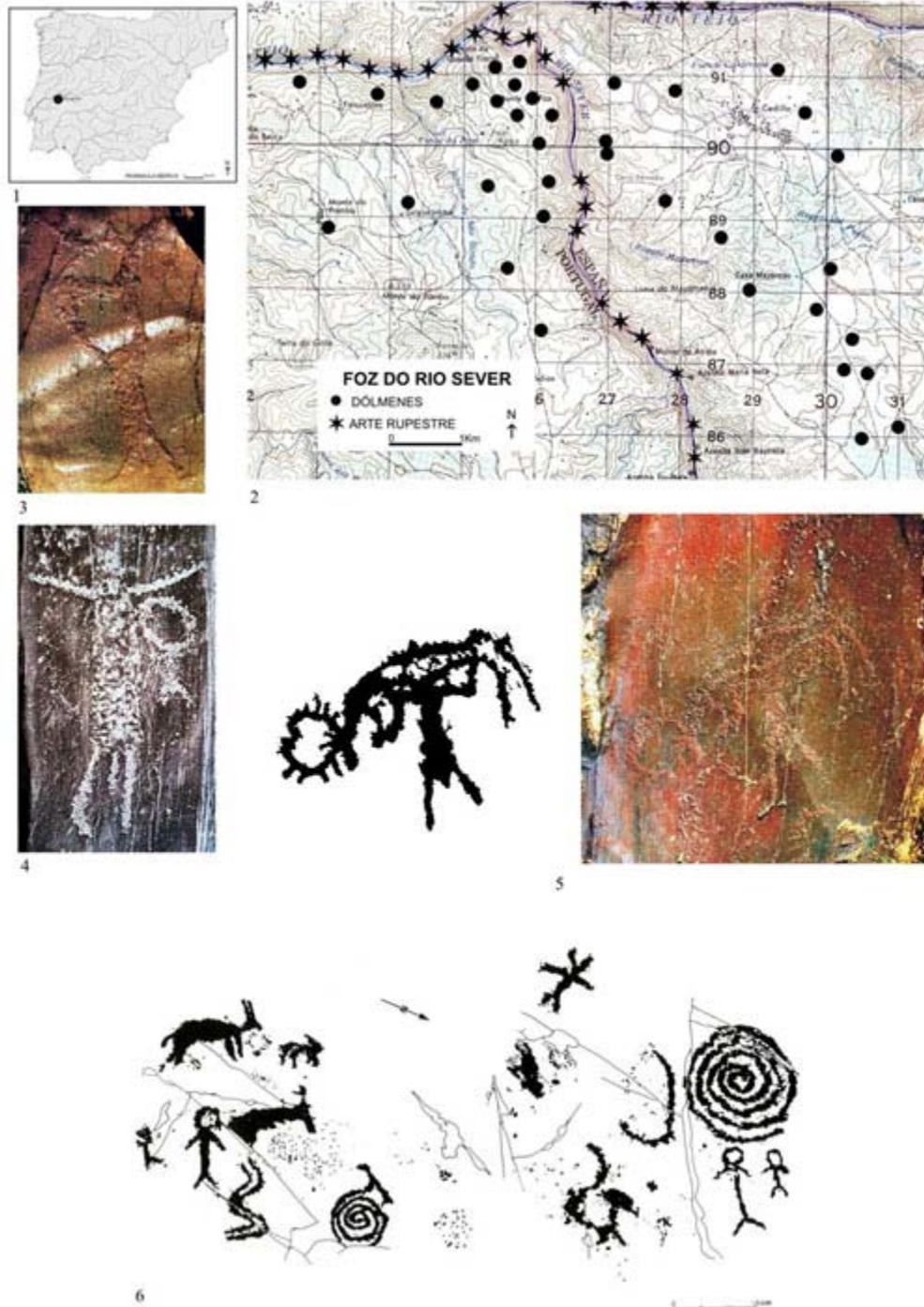
equipamento normal dos guardadores de rebanhos e que com eles fossem depositados nos espaços funerários, substituindo os recipientes cerâmicos conotáveis com as comunidades mais sedentárias. Os elementos de mó são outro dos artefactos que ocorre em grande quantidade nos monumentos situados em solos com maior capacidade agrícola. Dispersos nas colinas tumulares, reutilizados como calços de esteios, ou mesmo como artefactos fúnebres, podem ultrapassar a meia centena num só monumento. Como exemplo desta situação refira-se a anta da Cabeçuda no concelho de Marvão. Nas pequenas sepulturas da foz do Sever a presença deste artefacto é raro. As mós serão, seguramente, de entre todos os artefactos, aqueles que maior relação directa terão com as práticas agrícolas, não deixando de ser sintomática a sua quase ausência no contexto do megalitismo da foz do Sever. De entre os espólios funerários provenientes de sepulcros da zona dos xistos, destacam-se, pelo seu número e robustez, os instrumentos líticos polidos. Neste conjunto as enxós / enxadas, são raras. São os machados, de grandes dimensões, geralmente polidos só no gume, de secção quadrangular, ou rectangular, que dominam as percentagens artefactuais. Nos monumentos das zonas com maior potencial agrícola, os instrumentos líticos polidos, para além de ocorrerem num número, proporcionalmente reduzido, dividem-se em partes muito idênticas entre enxós / enxadas e machados, dominando, nalguns monumentos, especialmente nos de corredor mais longo, as enxós / enxadas. Embora os instrumentos líticos polidos estejam, na sua globalidade, intimamente relacionados com actividades agrícolas são, naturalmente, as enxós / enxadas que, diariamente, são utilizadas pelos que na exploração da terra baseiam a sua economia. Comparando os machados provenientes dos dois tipos de monumentos verifica-se que eles se diferenciam sobretudo pelo peso, secção e especialmente, na relação entre o largura do gume e o comprimento total da peça. Os machados da zona onde a agricultura tem maior viabilidade são mais pequenos, melhor acabados, geralmente de secção rectangular ou elíptica e com gumes alargados e bisel mais fechado. Trata-se de instrumentos adaptados ao corte de madeira. Ao invés, a maioria dos machados recolhidos em monumentos da foz do Sever, pouca capacidade de corte apresentam. Apercebe-se, pelas suas características que o objectivo do gume não seria tanto o corte perfeito, mas antes possuírem uma maior capacidade de perfuração ou contusão. Funcionariam, assim, preferencialmente, como armas. O pastor, muito mais exposto aos perigos do que agricultor far-se-ia acompanhar, com maior frequência, de instrumentos de defesa. Poderá ser, também este, mais um elemento identificador de uma economia, maioritariamente assente na pastorícia, que caracterizava as comunidades da foz do Sever. Esta economia que produz escassos excedentes reduziria a capacidade destas comunidades de efectuarem frequentes trocas comerciais para, por exemplo, obterem matérias-primas inexistentes nesta região, como seria o sílex. Esta incapacidade parece estar bem expressa no número reduzido de pontas de seta e lâminas, em sílex, que ocorre nestes espaços funerários, sobretudo quando o comparamos com as realidades megalíticas situadas em solos com melhor aptidão agrícola. Outro artefacto, por excelência megalítico, que merece referência, pela sua ausência, nos conjuntos artefactuais dos sepulcros da foz do Sever é a placa de xisto decorada. Até ao presente, nestes monumentos ainda não foi identificada nenhuma placa decorada obtida em xisto. As duas peças até agora identificadas e conotáveis como variantes das vulgares placas de xisto recolheram-se no monumento da Fonte da Pipa, situada a norte de Montalvão. São duas peças, em arenito polido, e apenas uma delas completa, com uma forma próxima do paralelepípedo, sem decoração e sem sinais de pintura e levemente côncavas em ambas as faces.

Múltiplas explicações poderemos propor para a ausência de placas de xisto nos monumentos da foz do Sever. Uma das que melhor se poderá enquadrar no contexto das interpretações acima apresentadas prende-se com a mesma possível razão para a diminuta presença de artefactos de sílex. Reconhecendo-se hoje que teriam existido centros de produção e redes de distribuição de placas de xisto e que a obtenção destes artefactos de luxo funerário implicariam permutas e aceitando-se que as comunidades da foz do Sever teriam uma economia deficitária e, conseqüentemente, com um número reduzido de excedentes, a obtenção destes artefactos tornar-se-ia num luxo inacessível a estas comunidades, o mesmo acontecendo em relação aos artefactos de sílex. A presença das duas placas de arenito identificadas no monumento da Fonte da Pipa, um dos sepulcros de xisto situados a maior distancia da foz do Sever, num contexto paisagístico, com maiores recursos e onde os solos apresentam melhor aptidão agrícola poderá evidenciar uma economia mais desafogada da comunidade que o construiu e, conseqüentemente, excedentes em número suficiente para obterem artefactos funerários de luxo.

CONCLUINDO

Ainda que baseados em aspectos muito fragmentados e num número reduzido de monumentos funerários estudados, tudo parece apontar para que as comunidades neolíticas, que construíram os sepulcros da foz do Sever tivessem uma economia bastante deficitária assente, maioritariamente, na pastorícia o que se viria a reflectir, naturalmente, na qualidade e número das oferendas fúnebres e na diminuta volumetria da generalidade dos sepulcros. Estes aspectos reflectem, igualmente, uma sociedade pouco complexa, menos organizada e menos piramidal do que as que são sustentadas por economias maioritariamente agrícolas e conseqüentemente mais sedentárias. Terão sido estes pastores neolíticos da foz do Sever, que por aqui apascentaram os seus rebanhos entre o V e o III milénios a.C., ao deslocarem os seus rebanhos, sobretudo na época estival, para as margens do Tejo em busca de pastagem terão gravado nas lajes xistosas do grande rio o volumoso acervo artístico hoje maioritariamente submerso pelas águas da Barragem do Fratel desde meados da década de setenta do século XX. Analisando a cota média dos painéis da arte rupestre do Vale do Tejo, verificamos que a sua maioria se situaria, antes da construção da barragem do Fratel, em zonas emersas e portanto só acessíveis durante o estio. Pouco tempo após as primeiras chuvas a cota média do nível do Tejo submergia a maior parte das manifestações artística, o que atesta a sua execução apenas desde os finais da Primavera até à chegada das primeiras chuvas, correspondendo, exactamente, ao período em que os pastores encaminhavam os seus rebanhos para as margens, ainda com pastos frescos, do Tejo e Sever, altura em que nas cotas mais altas já nada havia para sustentar os rebanhos. Esta transumância efectuada a uma escala muito local permite-nos, igualmente, levantar a hipótese das sepulturas, porque se encontram em cotas altas, terem sido, maioritariamente construídas entre o final do Outono e o início do Verão, altura em que a comunidade se mantinha mais afastada das margens dos rios. A arte do Vale do Tejo, independentemente de outras cargas simbólicas que lhes queiramos conferir, ou que com o tempo se possam ter transformado, terá origem na ociosa solidão dos pastores neolíticos que durante o Verão, lentamente, aí apascentavam os seus rebanhos. Nas polidas e disponíveis rochas, ciclicamente, foram gravando traços das suas realidades, aspirações, crenças ou mitos e que nos milénios seguintes outros pastores repetiram

estes, ou outros gestos, nestes ou noutros suportes, enganando o tempo e a solidão e a que hoje, vulgarmente, os cidadãos chamam arte pastoril.



1- Localização do Rio Sever na P. Ibérica 2- Localização da arte rupestre e dos dólmenes na Fóz do Sever 3, 4, 5 - Aspectos da arte rupestre do Vale do Tejo (seg. A.Martinho Batista)



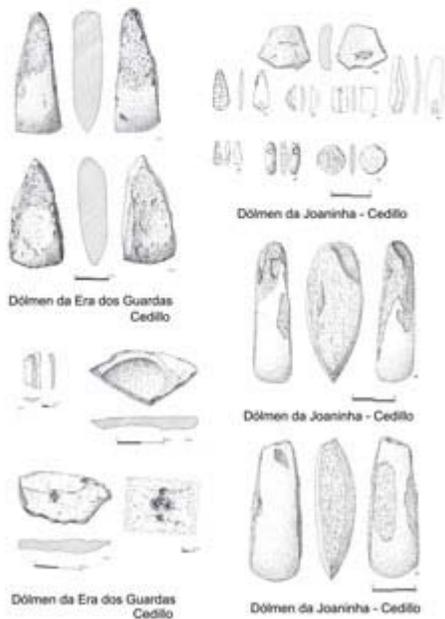
1



2



3



4



5

1- Escavação do dólmen da Era dos Guardas (Cedillo) 2- Dólmen da Charca Grande da Regañada
 3- Câmara funerária do Dólmen da Joaquina 4- Materias votivos dos dólmens da Foz do Sever
 5- Regino Ramallete, Arqueólogo de Cedillo, Homem do Mundo, eterna memória.

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, A.M. *et alii* (1974); O Complexo da arte rupestre do Tejo - processos de levantamento, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto.
- CANINAS, J.C. Pires e HENRIQUES, F.J. (1985); Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, in *Actas das Ias. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- Idem, (1987); Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, in *Arqueologia no Vale do Tejo*, I.P.P.C., Lisboa.
- BUENO, Primitiva (1988); Los Dolmenes de Valencia de Alcantara, *Excavaciones Arqueológicas en España* nº155, Ministerio de Cultura, Madrid.
- Idem (1989); Camaras Simples en Extremadura, XIX Congreso Nacional de Arqueologia, 1987, Castellón de la Plana.
- LEISNER, George e Vera (1956); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (1)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- OLIVEIRA, Jorge de (1995); *Sepulturas Megalíticas del Termino Municipal de Cedillo - Província de Cáceres* - Edición del Ayuntamiento de Cedillo, Cáceres.
- OLIVEIRA, Jorge de (1997); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, 1º Vol., Ed. Colibri, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge (1996); “Datas absolutas de monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever”, *Actas do 2º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Zamora.
- OLIVEIRA, Jorge (1999); “Economia e Sociedade dos Construtores de Megálitos da Bacia do Sever”, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge de (2001); “O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão – Cedillo”, *Muitas artas pouca gente?*, *Trabalhos de Arqueologia* 16, IPA, Lisboa.2001
- OLIVEIRA, Jorge de (2007); The Tombs of the Neolithic Artist-Shepherds of the Tagus Valley, *Actas da I Reunión de Estudios sobre la prehistoria reciente en el Tajo internacional*, BAR.
- SERRÃO, E. da C. *et alii* (1972); O complexo da arte rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa). Notícia Preliminar, *Arqueologia e História*, 9ª Série, Vol. IV, Lisboa.
- SERRÃO, E. da C. *et alii* (1973); Notícia de novas descobertas no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, in *Actas das IIªs Jornadas Arqueológicas*, vol. I, Lisboa.